75 anos depois da bomba, sobreviventes encenam história para ninguém esquecer Hiroshima

1º.ago.2020 (folha de São Paulo)



**Imigrantes japoneses atingidos por explosão atômica lembram em peça de teatro o que viram e viveram**

No dia 6 de agosto de 1945, precisamente às 8h15, hora do Japão, quando a [bomba atômica explodiu sobre Hiroshima](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/08/mundo-segue-sob-a-sombra-da-bomba-75-anos-apos-hiroshima.shtml), a garotinha Junko Watanabe aproveitava a manhã de verão para brincar ao ar livre.

Nesse exato momento, o menino Kunihiko Bonkohara acompanhava o pai no trabalho, de pé, em frente a uma mesa de escritório. E o policial Takashi Morita caminhava acompanhado de 12 auxiliares que ajudariam a construir um abrigo antiaéreo.

[Mais de 130 mil pessoas foram mortas pela bomba atômica](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/08/bomba-atomica-de-hiroshima-foi-o-inicio-da-era-de-incerteza-sobre-o-armamento-nuclear.shtml). Watanabe, Bonkohara e Morita são alguns dos sobreviventes e, até hoje, questionam-se por que estão vivos, enquanto tantos outros morreram. Os três "hibakusha" —vítimas da bomba, em japonês— moram atualmente em São Paulo.

[Sobreviventes da bomba de Hiroshima](https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1673761690846913-sobreviventes-da-bomba-de-hiroshima)



Kunihiko Bonkohara, 80, que tinha 5 anos no dia do ataque e teve a casa destruída pelo impacto da bomba

  “[Quando a guerra acabou, o Japão estava destruído](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/07/primeira-explosao-nuclear-inicio-da-era-atomica-completa-75-anos.shtml). O país precisou retirar japoneses de territórios sobre os quais havia avançado antes do conflito, como China, Coreia do Sul e Manchúria”, explica Lidia Yamashita, presidente da Comissão de Administração do MHIJB.

"Esse retorno no pós-guerra foi um problema grande, porque o país precisava ainda mais de alimentos, moradia e alguma ocupação para todo esse contingente."

Um acordo de paz firmado em 1952 pelos nipônicos com o Brasil, que, durante a Segunda Guerra, combateu as forças do Eixo —formado por Alemanha, Itália e Japão— permitiu a vinda dos imigrantes. Em troca, os japoneses tinham de colonizar áreas ainda pouco exploradas, como norte de Rondônia.

Há sete anos, Watanabe, Bonkohara e Morita passaram a encenar suas histórias no espetáculo “Sobreviventes pela Paz”, dirigido por Rogério Nagai, 42. A peça teatral integra um projeto que, desde 2016, também leva palestras a estudantes e hoje inclui relatos de sobreviventes do Holocausto.

Para os três japoneses, recordar os episódios é [evitar que algo como o ocorrido em Hiroshima se repita](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/russia-ameaca-eua-com-ataque-nuclear-por-causa-de-nova-arma-de-trump.shtml).

“Apesar de abordarmos um fato que aconteceu há 75 anos, conseguimos transportar o público para aquela data e aquele lugar. A plateia consegue se ver, colocar-se no lugar deles. São narrados detalhes muito pessoais do cotidiano, das famílias, impacta as pessoas de diversas formas”, explica Nagai.



Para o diretor, a mensagem de paz dos "hibakusha" é ainda mais importante no contexto atual, em que a política caminha para os extremos em todo o mundo. “A lógica da guerra não cede espaço à dignidade humana. Estamos começando a ver o retorno de fantasmas que assombravam nossos pais e avós. Não podemos retroceder, nunca, jamais, a esses crimes bárbaros”, diz.



PROPOSTA:

 Leia o texto com atenção.

 Preencha o infográfico das 7 categorias.

